## HEROIS DA LIBERTAÇÃO NACIONAL EDALUTA DE CLASSES

## · Discurso do Presidente Samora Machel na reunião com os combatentes da guerra da independência

Durante os dias 8 a 12 de Junho corrente, o Presidente Samora Machel orientou, na capital de Sofala, uma reunião em que participaram cerca de 1500 combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional. No início do encontro Samora Machel fez um improviso onde analisou os objectivos da fundação da FRELIMO, as fases da luta de classes na luta de Libertação Nacional, o período de transição, a independência e a ofen-

I QUEM SOMOS

A nossa Reunião não tem agenda. Todos somos parte da mesma História. A agenda somos todos nós.

Estamos todos num estado de emoção natural, compreensível, porque nos encontramos aqui depois de 7 ou 8 anos de separação. Este é um encontro:

- com os fazedores da paz na Pátria Moçambicana;

- com os construtores da Pátria Moçambicana; - com os construtores da vitória do Povo Moçambicano; - com aqueles que souberam transformar a vontade do Povo Moçambicano, em se libertar do colonialismo, numa imensa força material;

- com os que, com as armas, destrulram o racismo, o regionalismo, o tribalismo; - com os que, com as armas, destruíram o mito da supe-

rioridade rácica; - com aqueles que desinteressadamente realizaram a

vontade do nosso Povo: - com aqueles que liquidaram o individualismo:

- com aqueles que assumiram os supremos interesses da Nação, os interesses mais profundos do Povo Moçambicano e dos Povos oprimidos do mundo; - com os homens que se misturaram com o nosso Povo.

e com ele, aprenderam como lutar; - com homens que consentiram sacrificios, que souberam ultrapassar as dificuldades, fazendo das dificuldades

- com aqueles que assumiram que a independência é um direito inalienavel. Um direito que se conquista e não se negocia, que compreenderam que o valor da liberdade e da independência não tem preço;

- com homens que sabem o que é a fome, que sabem o que são os bombardeamentos;

- com patriotas e revolucionários que conheceram a longa marcha que ainda continuamos a fazer; - com homens que assumiram a dimensão da Nação, que compreenderam a complexidade do nosso País, os seus problemas sociais e culturais. Compreenderam os valores que devem ser vencidos e destruidos, para que a nova árvore da liberdade, cresça com raízes profundas

Em suma, estamos reunidos com aqueles que materializaram a política da FRELIMO.

para resistir ao impeto do vento.

Por isso, este é um encontro raro, estas são das mais belas páginas da gloriosa história da nossa Luta de Libertação Nacional. Todo o sacrificio consentido tinha um objectivo único: conquistar a independência e a ilberdade, conquistar o poder político para com esse poder travar uma nova batalha contra o subdesenvolvimento, e criar uma nova sociedad de justiça, de liberdade e igualdade. Em torno deste objectivo, foram-se incorporando mais elementos nas FPLM. Esta palavra de ordem mobilizou o nosso Povo e levou-o a consentir sacrificios.

## II AS FASES DA LUTA DE CLASSES NA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

O nosso processo de libertação, assim como o processo de libertação de outros povos, têm a sua história própria as suas

Compreender a dialéctica do processo de libertação do nosso Povo ,exige um conhecimento detalhado dos factos, a sua análise e interpretação. Significa também conhecermos as diversas fases. os diversos períodos. E nó assim podemos compreender a essência do combate, a razão da vitória.

A 1.º fase da nossa luta concentrou os seus esforços na edificação da Unidade Nacional, da união do Povo Moçambicano do

Era preciso conquistar este instrumento valioso. Nesta fase. essa era a tarefa principal. Implicava a liquidação do tribalismo, do regionalismo, do racismo - factores que eram utilizados pelo nosso inimigo contra nós.

Assim, encontrámos o homem de inhambane a sacrificar-se em Cabo Delgado, o de Maputo a lutar em Niassa Oriental, Niassa Austral e Niassa Ocidental. Assim, encontrávamos o homem de Gaza em Maniamba, Fingoè. O de Manica, encontrámo-lo na Zambézia, em Niassa e em Cabo Delgado. O homem de Sofala combatia em Tete, combatía em Niassa. O homem da Zambézia combatía em Tete, combatia em Cabo Delgado. Os de Tete quando combatiam em Tete, não o fizeram porque eram de Tete, mas porque tinham ganho a dimensão nacional da luta. Assim aconteceu com o homem de Niassa, com o homem de Cabo Delgado. Assim aconteceu com o homem de todas a Provincias.

Na 2.3 fase do combate libertador todos transportavam:

- os ideais da luta da FRELIMO;

— os ideais da liberdade e independência; - os ideais de transformação do mundo:

- os ideais para liquidar a opressão, a exploração, a humiihação, a degradação do homem mocambicano.

Por isso, encontrámos o homem de Cabo Delgado a falar em Manica da unidade nacional, da opressão colonial, a falar da necessidade da libertação.

A 3.ª fase surge aquando da realização do 2.º Congresso da FRELIMO, em Niassa. Neste Congresso, a nossa luta dá um salto qualitativo, resultado da nova qualidade do combate e do novo combatente que se forjava.

A Frente começa a ganhar algumas características do Partido. por causa da nova qualidade:

- da organização -dos quadros

Já se põe a questão:

- dos combatentes

- da justiça que nascia nas zonas libertadas

A luta tem novas exigências. Desenvolve-se a luta de ideias.

> Que tipo de independência queremos? - Que tipo de tuta estamos a travar?

Dissemos que a luta era uma luta popular. Nascem então duas

- Uma ala que definia a sua estratégia pela recusa da guerra popular, pela recusa da participação da mulher na luta, pela recusa da participação dos militares no Congresso e na Direcção da FRELIMO. Essa ala pensava que a vitória seria mais rápida desenvolvendo a querra has cidades.

- A ala dominante defende a tese da querra popular. detende a luta armada como a forma principal da luta e como característica do nosso movimento. Todo o resto era secundário. A tarefa era conduzir a guerra ao mesmo tempo que se resolviam os problemas polí-

ticos, económicos, culturais e sociais. A guerra aparece como instrumento fundamental para conso-Ildar a unidade nacional.

O objectivo final é conquistar primeiro a independência nacional, é libertar a Pátria e criar a Nação Moçambicana.

A 4.4 fase é marcada pela Operação Nó Górdio, pelo aparecimento de novos métodos Em Dezembro de 1972, o Comité Central analisou com profundidade a Ofensiva inimiga de 1970 e as causas da sua derrota. isto permitiu às FPLM passar à ofensiva e estender a luta para o

Esta ofensiva permitlu à provincia de Tete cumprir com a sua missão gloriosa de abrir as frentes de Manica/e Sofala. A palavra de ordem era:

> - Lutar no estômago do inimigo; o que significa pôr a palha no estômago do inimigo, pôr o cancro no estômago do inimigo.

- Lutar no ponto de desdobramento do exército colonial no centro do País.

- Lutar na zona de major influência de colonos.

Cada passo dado era analisado. Dos avanços, das derrotas do inimigo, dos nossos recuos, retirávamos as lições para o novo

Esta 4.ª fase exige uma nova qualidade: a formação ideológica dos quadros. Por isso, em 1973, a FRELIMO envia quadros para o exterior para se prepararem para a guerra de movimento. Em Janeiro de 1974, com esses quadros, abrimos a primeira

Escola do Partido, escola que nasceu da vossa própria experiência

Quando partimos a espinha dorsal do exército colonial, desencadeámos a Ofensiva Generalizada em Todas as Frentes:

- na frente militar

— na educação

- na sauda - na turmação de quadros e combatentes

- na frente social, cultural e ideológica

O ano de 1973 foi de profundas transformações:

- nas escolas da FRELIMO - nas zonas libertadas

- nos centros sociais e culturais da FRELIMO - nas bases militares

È bom recordar estes aspectos para sabermos o caminho que percorremos, para vermos melhor a amplitude da machamba. Alguns atrasaram a nossa guerra. Davam informações aos portugueses, por exemplo, sobre a nossa luta na Zambézia.

Já em Setembro de 1970, ao analisarmos a nossa luta, para qualificar a natureza da nossa guerra, dissemos que a guerra popular transformou-se em revolução. Estávamos convencidos que a ideia da liberdade, da revolução,

tinha ganho todos os camaradas. Estávamos convencidos mesmo que uma minoria infima se opusesse. Tinhamos a certeza de que o germe da exploração se tinha smagado no seio do Povo. O sentido da independência não era

só bandeira, como falávamos em 1964/1965. Alguns diziam, com o livro debaixo do braço: «Queremos inde-pendência real, não independência de bandeira.» Papagueavam o que liam. Mas nos ganhámos esta ideia através de combates incessantes e ininterruptos.

Alguns Ieram muito Marx, Ieram «O Capital». Mas uma coisa leitura, outra é passar à prática. Outra alnda, é passar da prática a teoria. Isto é, sintetizar a prática.

Este é o nosso princípio. Esta é a originalidade da nossa revolução; não decalcar modelos. Este novo salto qualitativo não foi compreendido, não foi assumido. Para muitos de vocês ele passou despercebido.

Por isso, alguns de vocês compreenderam mai o «25 de Abril». O 25 de Abril é a soma das lições que vocês deram na floresta aos oficiais portugueses que foram aplicar em Portugal. São aspectos que temos de estudar mais em pormenor.

Na 5.º fase, confrontámo-nos com a infiltração de agentes, particularmente nas provincias de Tete e Cabo Delgado. Recordamos a reunião que realizámos em Tete, em Julho e Agosto de 1973, onde muitos de vocês participaram.

Houve infiltração séria nas nossas fileiras. Os militares portuueses tinham já compreendido a inevitabilidade da vitória da FRELIMO. Por Isso, resolveram introduzir os seus elementos dentro das nossas fileiras, para poderem crescer dentro de nós.

Em Outubro e Novembro de 1973, desmantelámos uma grande rede em Cabo Delgado. Foi quando discutimos porque as nossas torças eram emboscadas sempre que iam para os combates de grande envergadura.

Era preciso destruir a FRELIMO por dentro. Destruir em primeiro lugar as FPLM, porque conduziam a principal forma da luta. As FPLM são vocês; é a vocês que o inimigo pretendia destruir.

É preciso dizer que o inimigo estava infiltrado nas secções:

- de reconhecimento

- de sabotagem - de material

As nossas armas, os nossos planos, iam para o inimigo. E isso aconteceu também ao nível do alto comando de uma Provincia. Sem nós, onde estaria a FRELIMO? A FRELIMO éramos e somos nós. Desmantelámos as redes em Tete, em Cabo Delgado, nos Comités do Partido, no Destacamento Feminino, nas escolas, nos hospitais, nas bases. Para elevar o nível técnico, cultural e ideológico dos quadros,

Era o resultado da qualidade da luta, da justeza da linha política da FRELIMO. Foi isto que levou o inimigo a enveredar pelo caminho da subversão. Por isso, quando se da o golpe em Portugal, é aos combatentes que eles apelam para depor as armas. Em 1973, dizíamos que a revolução é complexa, é uma empresa dificil. A qualidade da luta tinha atingido um nível muito alto, Veri-

ficava-se um desequilíbrio entre as forças vivas do combate na nossa luta armada e e consciência dos homens. Cresciamos numericamente, mas o crescimento da nossa cons-

ciência não acompanhava esse ritmo. Atribuimos este fenómeno ao analfabetismo, o que era verdade, embora não totalmente. A forma de aquisição de conhecimentos era directa, de uma forma oral. Não havia possibilidade de

Mas, de qualquer maneira, perguntávamos.

abrimos a Escola do Partido em Janeiro de 1974.

- Qual o segredo da vitória?

- Porque triunfámos?

Todos nós levámos o desejo da liberdade, todos nós conhecíamos a importância , o valor da independência, como direito dos

Soubemos passar para a ofensiva. Havia certas categorias no nosso seio:

- uns com o espírito de vitória:

- outros com o espírito derrotista, alimentado pelo pessimismo que os dominava.

siva da burguesia colonial. O dirigente máximo de Revolução moçambicana concluíu o seu improviso anunciando algumas das medidas que irão ser tomadas em relação aos heróis da liberdade. Este discurso além de ter marcado particularmente a forma como decorreu o encontro constituíu um importante documento de estudo para compreensão do processo de libertação nacional em Moçambique. Eis na integra o referido improviso:

preciso subverter a FRELIMO, para desviá-la dos seus nobres ideais. O imperialismo chegara à conclusão: - que a independência era inevitável. Mas preocupava-se quanto ao tipo de independência.

Alguns elementos das FPLM estavam nas mãos da PIDE. Era

Em Janeiro de 1974, os colonos de Vila Pery (hoje Chimoio) e Beira, manifestaram-se contra a ineficácia do exército colonial. Os oficiais do exército escreveram a Marcelo Caetano, manifestando que não queriam ser o bode expiatório da derrota, não queriam a repetição de Goa, que a solução para a guerra era a política. Caetano respondeu-lhes dizendo que preferia a derrota militar a negociar com terroristas. Segundo Caetano isso seria sacrifégio.

Resposta que testemunha o seu atraso mental. Internacionalmente isolámos Portugal. Estávamos nas Nações

Tinhamos ganho também a simpatia do Povo Português, das forças progressistas e democráticas portuguesas. A FRELIMO tinha ganho prestigio em todo o mundo. Este processo também passou despercebido a muitos de vocês!

III O PERIODO DE TRANSIÇÃO, A INDEPENDÊNCIA E A OFENSIVA DA BURGUESIA COLONIAL

- AS BALAS DE AÇUCAR

Vamos falar da fase que precedeu a nossa independência e os primeiros meses da independência.

Em 25 de Abril deu-se o golpe em Portugal. No dia seguinte, o Comité Executivo da FRELIMO emitiu um documento histórico, onde se analisava o golpe.

Tivemos a ocasião de dizer na altura:

"Caiu o fascismo em Portugal, mas o colonialismo continua em Moçambique. O fascismo é um cadáver fresco. que pode ressuscitar rapidamente com a 'coramina' do colo" Negociaremos os mecanismos da transferência dos

poderes para a FRELIMO, mas nunca a independência.

Alguns comandantes de companhia e pelotão começaram a festejar com ò exército colonial. Tivemos que mandar parar. Veio o Governo de Transição. Al começa uma nova batalha.

O nosso exército vem da floresta para a cidade. Foi o caos. Os imperialistas, a burguesia colonial, os aspirantes à burguesia, os desertores da FRELIMO que se transformaram em portugueses,

montaram o esquema. De longos anos a beber água estagnada, os guerrilheiros viram-se envolvidos de repente em barris de vinho, em garrafas de whisky, em barris de cerveja. De longos anos sem ouvir a finura da língua portuguesa, can-

tada com uma voz doce aos nossos ouvidos, a bela moça, que de repente deixa de ser racista, declama junto do ouvido do querrilheiro belos poemas de amor. De longas marchas, descalcos, na floresta, são agora conduzidos em Mercedes-Benz, em BMW, em Citroen, em Volkswagens.

por filhas de burgueses colonialistas, de donos de fábricas, de gerentes, de empresários capitalistas. De longos anos sem música, os guerrilheiros são atirados para salões de dança, onde os burgueses lhes oferecem as suas filhas, violando a sua tão apregoada moral.

Depois de longos anos de fome e sofrimento, são atirados para jantaradas e testanças organizadas pelos burgueses para os guer-Habituados ao sol, à lua, às estrelas, às sombras da floresta,

os guerrilheiros ficam submersos na luz das cidades. Habituados aos trilhos da caminhada longa, os guerrilheiros agora caminham nas avenidas largas das cidades. Habituados a dormir nas cabanas das florestas, são-lhes ofere-

cidos agora palacetes, vivendas e prédios. O guerrilheiro vivia no ponto mais alto do prédio, e sem pagar renda, Em todo o país, aumentam os desastres de viação. Eram os querrilheiros que conduziam embriagados, muitas vezes sem carta de condução, em carros muitas vezes oferecidos pelo «primo», pelo

gerente da fábrica. Morreram mais comandantes nesta fase do que durante a luta armada. Encontram-se aqui sobreviventes desses Alguns até foram convidados para serem sócios de prostíbulos. Prostíbulos que recrutavam prostitutas na Suazilândia, na África do Sul, na Rodésia. Era triste a realidade a que assistíamos: ver os que

fizeram triunfar a liberdade, de repente transformados em sócios Afogados em vinho, em whisky, em cerveja, em dinheiro, os heróis da guerra da independência foram transformados em farrapos nas cidades, asfixiados pelo conforte das alcatifas e das mobilias.

Isto confundiu os guerrilheiros. Perderam o sentido do inimigo, Registamos isto com tristeza. Onde estava a nossa Revolução afinal?

À Història viu, viveu, sentiu e registou tudo isso. Como interpretar este fenómeno? Supondo que todos nós tivéssemos feito o mesmo, onde esta-

morreram camaradas e pela qual o povo foi vítima e consentiu Estariamos hoje no poder com a bandeira da FRELIMO? Este é o ponto crucial! O inimigo quis destruir a vitória da luta armada, diluir o contaúdo revolucionário da luta. A independência da bandeira preva-

ria a independência pela qual vocês fizeram sacrifícios, pela qual

leceria! O inimigo tentou a confrontação com as forças vivas da luta. Para qué? Afinal qual é a essência do capitalismo? Qual é Tivemos que defender a Revolução, Durante a guerra, aprendemos que só é Revolução quando tem a capacidade de defender-se, Aprendemos também que a minoria se deve sacrificar pela majoria.

Proclamámos a independência em 25 de Junho de 1975. Em 25 de Julho, realizamos a histórica 4.º Reunião do Departamento de Defesa. Alguns meses depois, os guerrilheiros começaram a receber os seus vencimentos. Mas alguns pretendem viver

> - recusam pagar o machimbombo que os transporta; - recusam pagar o telefone que utilizam mais de duas horas falando para longas distâncias:

- recusam pagar a comida que comem no restaurante; - recusam pagar o bilhete de cinema a que assistem; - recusam pagar a renda da residência que habitam.

Este conflito revela um conflito com a sociedade, um conflito que cria um choque social e cultural com a cidade. Alguns camaradas morreram atropelados no meio da rua, a olhar pasmados para a altura do prédio. A este conjunto de comportamento, a este conjunto de atitudes,

chamamos javalismo. Quando quisemos por cobro a estes abusos, desencadearam o motim de 17-18 de Dezembro de 1975, com armas da FRELIMO, com as botas, com as fardas da FRELIMO, disparar contra a população, contra a cidade de Maputo — capital da República Popular de Mocambique, capital regada de sangue.

Quem são estes? São representantes de quem? Dispararam contra quem? Eles são o prolongamento daqueles que desmantelámos nas zonas libertadas.

noticias

O que iam fazer da nossa independência e do nosso Estado? Vencemos, como vencemos sempre no passado! E venceremos sempre no futuro. Em 1976, começa a guerra contra a Rodésia racista,

Mais uma vez, o Povo Moçambicano é chamado a lutar, a consentir sacrificios.

Alguns de vocês ficaram contentes e disseram: «Tiraram-me das FPLM! Agora quero ver como é que vão lutar contra Smith.» Como se a vitória da independência tivesse resultado de um acto pessoal! Onde está Smith? Smith está hoje no caixote do lixo

da história. As vezes temos visão curta e preocupamo-nos com os nossos problemas pessoais. Em 3 de Fevereiro de 1977 realiza-se o 3.º Congresso da

FRELIMO. Em 1978 desencadeámos o processo de estruturação do De 1976 a 1979, foi a estruturação e reorganização do nosso

Exército, tarefa particularmente difícil. É um processo que continua para criar um Exército forte É preciso criar uma Marinha de Guerra. Temos uma costa grande para defender. Começámos do zero, sem tradição e sem experiência, e o processo tem novas exigências.

É preciso organizar a Defesa Anti-Aérea, principalmente para as cidades. E isso exige soldados com instrução mínima de É preciso organizar a artilharia costeira, a infantaria motorizada,

Na Força Aérea temos helicópteros, aviões de transporte, aviões de reconhecimento, cacas-bombardelros, Criámos as Tropas de Guarda-Fronteira. Também ai começámos do zero e enfrentámos dificuldades. Se, por exemplo, são precisos 10 000 alunos com a 11.º classe.

conseguimos apenas 500. Só para a Marinha, se precisamos de 1000 alunos, apenas conseguimos assegurar 100. São exigências do nosso Exército. Tivemos de crescer rapidamente por causa da guerra contra lan Smith. Não era possível responder ao fogo do exercito rodesiano, apenas com a tactica

## IV OS HERÓIS DA LIBERDADE

De entre os vários acontecimentos nacionais, destacaremos dois, pela sua importancia:

 a introdução de patentes nas FPLM;
a instituição de condecorações na República Popular de Mocambloue para os beróis da Luta Armada de Libertação, para heróis que lutaram na guerra do Zimhabwe. Esta também foi uma guerra que produziu heróis, assim como a guerra contra os bandos armados. produzirá os seus heróls. Cada luta produz os seus heróis e os seus traidores.

Foi uma decisão da Assembleia Popular em 1981, que introduz condecorações, medalhas e ordens pelos feitos heróicos Em 25 de Setembro de 1980, introduzimos as patentes e divisas nas Forças Armadas para:

- Oficiais-Generals:

Mocambicana;

- Oficiais Superiores: - Oficiais Subalternos;

- Sargentos.

Em 1981, fizemos o levantamento dos guerrilheiros, dos homene que carregam a história gloriosa das FPLM e que são monumentos O 25 de Setembro somos nos.

Por isso, em Janeiro de 1982, decidimos: vamos falar aos guerrilheiros. Viemos para vos dizer, em sintese:

1 - Que a terra está libertada, que o combate libertador

2 — Que as FPLM cumpriram a sua missão histórica de expulsar o ocupante em Mocambigue: 3 - Que as FPLM em Moçambique criaram a terra onde não havia terra, libertaram a Pátria. Éramos grãos dispersos de areia em etnias, tribos, culturas, regiões, localidades, raças. Hoje temos a Pátria, somos a Nação

4 - A FRELIMO constituiu-se em Partido Marxista-Leninista,

o guia incontestável deste País, desde que a nossa luta se transformou em Revolução; 5 - A batalha principal actualmente no nosso País é a batalha económica. Temos que ocupar esta trincheira. Conquistada a independência política, temos que con-

quistar a independência económica: 6 - Instituiu-se na República Popular de Mocambique o Serviço Militar Obrigatório, que incorpora novos jovens nas Forças Armadas. A sua fonte de inspiração são as FPLM, o herofsmo, a coragem, a determinação do nosso Povo de lutar e vencer, a história da resistência

Nos materializamos os desejos dos nossos antepassados, e hoje os jovens consolidam o que conquistámos.

o Povo Mccambicano.

- Velhos que não podem pertencer às Forças Armadas, mas que estão registados nas FPLM. Não podem pertencer ao exército, porque o rigor e a disciplina exigidos são incompatíveis com a sua idade;

- Outros têm defeitos físicos, ou são feridos de guerra; - Alguns de vocês, mesmo que jovens, terão de continuar nos sectores-chave da economia nacional.

No entanto deverão aparecer fardados em público:

- No dia 3 de Fevereiro. Dia dos Heróis Moçambicanos, É o dia não só dos heróis que morreram. É o dia daqueles que fizeram a vitória, de um combate que possibilitou outras vitórias. Esses são heróis - No dia 25 de Junho, dia da proclamação da independência e da fundação da FRELIMO;

- No dia 25 de Setembro, dia da Revolução e das FPLM. Vai ser criada uma Secretaria de Estado para se ocupar de todos aqueles que participaram na luta armada.

É preciso que no final desta reunião nos digam como préferem ser tratados: veteranos ou antiges combatentes? Já vos disse o essencial dos objectivos desta reunião. Finalmente devo dizer:

Obrigado por terem participado nesta epopeia indescritival. Obrigado por terem sabido transformar os corpos dos mortos numa ponte que transportou a liberdade do Royuma ao Maputo. Somos hoje um Estado soberano, livre e independente. Já não existe a África Oriental Portuguesa. Por causa do vosso combate libertador, este pedaço de terra chama-se hoje República Popular de Mocambique. Obrigado.

Obrigado por terem pertencido a esta história gloriosa da liber-

A LUTA CONTINUAL